

A realidade educacional



Benjamin Ribeiro*

O Anuário Brasileiro de Educação Básica 2013, lançado pelo Movimento Todos pela Educação, aponta que 25% dos docentes ainda possuem, no máximo, o ensino médio ou magistério. Devemos lembrar que o objetivo que visa a garantir a qualidade da educação pública e a formação de professores em nível superior foi preconizado em 1996, na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), mas está longe ainda de se tornar realidade nas escolas brasileiras.

Uma das metas do Plano Nacional de Educação, elaborado em 2010, para entrar em vigência de 2011 a 2020, mas que ainda está no Congresso Nacional à espera de aprovação, preconiza garantir, em regime de colaboração entre a União, Estados, o Distrito



©Carsten Reisinger/PhotoXpress

A Nação brasileira continua esperando melhores dias para o setor educacional, de vital importância para o desenvolvimento do seu povo.

Federal e municípios, que todos os professores da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. Discute-se muito, mas, na prática, pouca coisa acontece. Durante pronunciamento, em rede nacional, no Dia do Trabalho, a presidente Dilma Rousseff reafirmou por várias vezes o compromisso do estímulo ao setor educacional brasileiro; o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, reiteradamente afirmou que todo o dinheiro obtido com a explora-

ção do pré-sal seria destinado à educação. A Nação brasileira continua esperando melhores dias para o setor educacional, de vital importância para o desenvolvimento do seu povo.

Por outro lado, no momento em que a tecnologia está na vanguarda dos projetos em todas as áreas de atuação, constata-se que, mesmo tendo acesso a computadores com conexão à internet, no trabalho e em casa, apenas 2% dos professores brasileiros da rede pública urbana usam a tecnologia como suporte em sala de aula.

Assim mesmo, os que usam se limitam, na maior parte do tempo, a ensinar aos alunos como utilizar o computador, em vez de desenvolver práticas pedagógicas. Essa constatação faz parte da pesquisa TIC Educação 2012, divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), entidade oficial que coordena serviços da web no País. Foram ouvidos mais de 1.200 professores de 570 escolas públicas de todas as regiões brasileiras.

Enquanto por aqui ainda buscamos fórmulas mágicas para imprimir o ritmo que a educação necessita e merece, na Finlândia, país que tem o conceito de melhor educação do mundo, os professores possuem mestrado e têm liberdade para criar currículos. Para Jaana Palojarvi, diretora do Ministério da Educação e Cultura daquele país, o segredo do sucesso não tem nada a ver com métodos pedagógicos revolucionários, uso da tecnologia em sala de aula ou exames gigantescos como Enem ou Enade. Ao contrário, a Finlândia dispensa as provas nacionais e aposta na valorização do professor e na liberdade dele para trabalhar.

É imprescindível que esse debate saia dos gabinetes oficiais e que a educação siga seu rumo. Mas, para isso, é necessário que os formuladores dessa política deleguem poderes e abram a discussão à participação de todos, inclusive do setor privado de ensino, que sempre esteve à margem dessas decisões. A educação é de todos, e suas metas não podem ficar nas mãos de alguns poucos. ■

*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp)

benjamin@einstein24h.com.br